

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

## O ENSINO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: EXPERIÊNCIAS DE ACESSIBILIDADE NO MUSEU DE PORTO ALEGRE JOAQUIM FELIZARDO

Márcia Beatriz dos Santos\*

### **RESUMO:**

Este trabalho relata a experiência de realização da oficina “Conhecendo Porto Alegre através dos sentidos” no Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo (MJF), com alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores Paulo Freire (CMET), com deficiência visual. O objetivo central desta atividade foi o de ampliar e qualificar a inclusão de pessoas com deficiência ao público visitante do Museu, propiciando aos participantes a descoberta de conhecimentos relacionados à história de Porto Alegre. O MJF realizou esta oficina visando atender de maneira mais completa aos alunos com deficiência visual do EJA, através da metodologia de práticas escolares de mediação cultural na construção da identidade. Destaca-se a importância desta atividade com a avaliação realizada em conjunto com os participantes, a qual demonstra a oportunidade única de vivenciar a aprendizagem sobre a história de Porto Alegre, através dos sentidos.

**Palavras-chave:** História; Acessibilidade; Museu.

A temática da acessibilidade entrou em pauta nos museus brasileiros em meados da década de 1980. Ao longo desses anos, várias iniciativas foram implantadas sob orientação de instituições ou escolas especializadas em deficiências específicas. Paralelamente à acessibilidade em museus, o ensino de história também tem se fortalecido politicamente com a consolidação de um Grupo de Trabalho destinado especificadamente a discuti-lo.

Considerando-se os dados do Censo de 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de que 23,9% da população brasileira apresenta algum tipo de deficiência, e que o Estatuto do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) estabelece que: “os museus caracterizar-se-ão pela acessibilidade universal dos diferentes públicos [...]” (art. 35, 2009), torna-se urgente a discussão do tema da acessibilidade em museus e a adequação dos museus às Normas Brasileiras de Acessibilidade e ao Estatuto dos Museus.

Levando-se em consideração essa realidade, apresenta-se a experiência da oficina

---

\*Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo. Socióloga. Especialista em Patrimônio Cultural e Identidade pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA – Canoas/ RS).

“Conhecendo Porto Alegre através dos sentidos” no Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo (MJF), com alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores Paulo Freire (CMET), com deficiência visual.

O Museu Joaquim Felizardo, Museu Histórico da cidade de Porto Alegre, órgão da Secretaria Municipal da Cultura, tem como sede o Solar Lopo Gonçalves, construído entre os anos 1845 e 1850, na antiga Rua da Margem (atual Rua João Alfredo).

O Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores Paulo Freire também é uma instituição mantida pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre, através da Secretaria Municipal de Educação (SMED), dedicado ao ensino de jovens a partir de 15 anos, adultos trabalhadores, educandos com necessidades educacionais especiais e idosos.

O Museu de Porto Alegre oportunizou aos alunos da EJA com deficiência visual o ensino da história de Porto Alegre através do audioguia, textos em Braille, maquetes táteis e toque em objetos históricos e arqueológicos e/ou réplicas.

### **Acessibilidade em museus**

Os museus, desde a segunda metade do século XX, movem esforços para afirmar seu caráter de agente de desenvolvimento social e para superar sua ligação de origem com as elites e com o poder, através do trabalho centrado no sujeito e nas comunidades. Já as pessoas com deficiência, que até o final do século passado foram excluídas do convívio social, hoje constituem uma parcela ativa da população, que na perspectiva da acessibilidade universal vem conquistando espaços na sociedade brasileira. A acessibilidade, desenvolvida a partir dos movimentos de inclusão social, é, portanto, uma forma de concepção de ambientes que acolhem todos os indivíduos, independentes de suas limitações físicas e sensoriais.

3

Portanto, os museus para serem acessíveis às pessoas com deficiência, precisam que seus serviços estejam adequados para serem alcançados, acionados, utilizados e vivenciados por qualquer indivíduo, independente de sua condição física ou comunicacional.

De acordo com a Norma Brasileira de Acessibilidade da Associação Brasileira de Normas Técnicas - ABNT NBR 9050 (2004), acessibilidade é a possibilidade e condição de alcance, percepção e entendimento para a utilização com segurança e autonomia de edificações, espaço, mobiliário, equipamento urbano e elementos. Segundo essa norma, acessível é o espaço, edificação, mobiliário, equipamento urbano ou elemento que possa ser alcançado, acionado, utilizado e vivenciado por qualquer pessoa, inclusive aquelas com mobilidade reduzida (ABNT NBR 9050: 2004, p. 2).

Conforme Amanda Tojal (2010), a acessibilidade em Museus no Brasil teve início há menos de duas décadas, tendo como foco primeiramente o acesso físico a essas instituições. Assim, os museus passaram, paulatinamente, a preocuparem-se com a acessibilidade, fator esse que tem exigido mudanças e transformações não somente na programação de exposições, mas principalmente, mudanças conceituais na política cultural dessas instituições. Sendo assim, a acessibilidade vai além do aspecto físico, isto é, ultrapassa a eliminação de barreiras arquitetônicas, acrescentando-se outros aspectos de caráter atitudinal, cognitivo e social.

Para Tojal (2010), as barreiras sensoriais dizem respeito às questões comunicacionais, isto é, ao acesso à informação, que deve se iniciar desde a entrada do museu, com orientações e indicações sobre os espaços existentes. Uma exposição de caráter inclusivo deve oferecer os textos adaptados aos diferentes níveis de compreensão e leitura e, no caso de pessoas com deficiências sensoriais, adaptar os textos para escrita Braille, assim como adicionar legendas ou “janelas de Libras” inseridas na projeção de vídeos. Também deve incluir objetos e caixas sensoriais, jogos ou equipamentos interativos. Essas opções, essenciais para alguns, serão aproveitadas por todos.

4

As instituições museológicas devem pautar-se pelo princípio de que conviver com a diversidade é tratar todo ser humano com dignidade, orientando suas ações para a acessibilidade. As diversas áreas e equipes de trabalho devem ter uma postura inclusiva ao desenvolver seus projetos e atividades, o que permitirá uma maior flexibilidade de projetos interdisciplinares e a otimização e dinamização de ações, favorecendo tanto os profissionais envolvidos como a própria instituição. Uma política cultural inclusiva deve ser perceptível a todos os visitantes. Para tanto, devem ser levadas em consideração as necessidades e recomendações apontadas pelo público alvo (TOJAL, 2010). Na mesma direção, Viviane Sarraf (2008) afirma que a acessibilidade em museus significa que as exposições, espaços de convivência, serviços de informação, programas de formação e todos os demais serviços básicos e especiais oferecidos por essas instituições devem estar ao alcance de todos os indivíduos, perceptíveis a todas as formas de comunicação e com sua utilização de forma clara, permitindo a autonomia dos usuários.

## **Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo**

O Solar de Lopo Gonçalves Bastos, sede do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo, foi construído entre os anos de 1845 e 1850, fora dos limites urbanos da cidade. Lopo Gonçalves Bastos construiu o Solar nos fundos da propriedade de seu sogro, em frente à Rua da Margem (atual Rua João Alfredo), assim denominada por margear o Arroio Dilúvio. O Solar Lopo Gonçalves é um exemplar do estilo tradicional luso-brasileiro ou colonial, com porão alto e acesso principal pela escada lateral. Possui telhado em forma de “quatro águas e beirais”. As janelas frontais apresentam quadro superior ornado com meias-rosáceas. As paredes externas foram construídas em alvenaria de tijolos e as internas, em estuque (barro, madeira e folhas de palmeira). Posteriormente, em sua estrutura, foram realizadas algumas modificações arquitetônicas como fechamento do pátio interno, a inclusão de um novo cômodo e a construção do torreão “que tinha a função de observatório. Dali poder-se-ia visualizar o Lago Guaíba, a chácara e toda a área ao seu redor”

5

(POSSAMAI, 2001, p.71). Devido ao seu valor histórico, “O prédio foi objeto de tombamento, em 21 de dezembro de 1979, conforme o Registro de Imóveis da 2ª Zona, Livro n.º 2, 3-CG, fls. 40, n.º 81.931, de 30-11-60. O prédio encontrava-se em estado precário de conservação, uma vez que a troca de proprietários e o desinteresse em sua manutenção deixaram-lhe entregue à ação do tempo” (MARTINS E FRIDMAN, 1987, p.20-1).

Em 1982, o restauro foi concluído e o Museu de Porto Alegre (cujas sedes ficavam em um imóvel alugado, no mesmo bairro) foi, então, transferido para o Solar. Em 1993, o Museu passou a chamar-se Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo (MJF), uma homenagem ao fundador da Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre, órgão através do qual o Museu é gerido.

O Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo (MJF) tem como missão promover a interação da sociedade com o patrimônio cultural do Município, com ênfase na sua história e memória, através da preservação, pesquisa e comunicação dos bens culturais sob a guarda da instituição. O Museu conta parte da história da cidade através de três importantes acervos: o acervo tridimensional (histórico e arqueológico) e o acervo de imagens (fotográfico).

Nos arquivos do Museu foram encontrados relatórios e documentos referentes à adequação do prédio à legislação, então vigente, sobre acessibilidade. A partir da análise desses documentos da instituição, verificou-se que no ano de 2002 foram realizadas adaptações no aspecto físico do edifício, tais como instalação de elevador, banheiro adaptado e maquete tátil do Solar Lopo Gonçalves.

No ano de 2012 elaborou-se o audioguia da exposição “O Solar que virou Museu – memórias e histórias” com leitura dos painéis e descrição das imagens e dos objetos históricos e arqueológicos que compõem a exposição. Além disso, o catálogo que complementa essa mostra está disponível em Braille, possibilitando a autonomia do público. Também foi realizada a restauração da maquete tátil, a confecção de uma meia maquete da fachada do Solar, destacando os detalhes do prédio e a reprodução da

6

Magnólia, árvore centenária que se localiza em frente ao Museu. Esses materiais, juntamente com alguns objetos históricos e arqueológicos, são disponíveis ao toque.

Destaca-se, ainda, que o Museu conta com uma equipe - direção, recepção, funcionários e estagiários - preparada para relacionar-se, conduzir e orientar esse público com deficiência dentro da instituição, mantendo assim uma postura inclusiva para desenvolver este projeto.

## **Educação de Jovens e Adultos**

Conforme o Regimento, “O Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores Paulo Freire, também denominado CMET Paulo Freire, é uma instituição mantida pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre, através da Secretaria Municipal de Educação (SMED), portanto pública, laica e gratuita”. (Art.1º, 2010).

O CMET Paulo Freire é dedicado ao ensino de jovens a partir de 15 anos, adultos trabalhadores, educandos com necessidades educacionais especiais e idosos, sendo portanto, necessário oferecer-lhes a Educação Básica - modalidade EJA (alfabetização, ensino fundamental, ensino médio e profissionalizante, articulados à educação ao longo da vida).

Os objetivos do Centro são educar e educar-se na mobilização, organização, formação e politização de todos os envolvidos, possibilitando a intervenção e transformação da realidade; garantir a palavra em suas diversas acepções e a comunicação entre as diferentes linguagens (língua de sinais, Braille e outras); proporcionar acesso à informação através de múltiplas fontes; viabilizar à comunidade múltiplas possibilidades de interação com os variados espaços construídos socialmente ao longo da história, pelas diferentes instituições, etnias e gêneros; possibilitar a relação com o mundo do trabalho através de teorias, vivências e práticas; contribuir para a divulgação dos serviços públicos e privados da cidade, estimulando a utilização e a apropriação dos mesmos; investigar permanentemente as relações histórico-culturais, desnaturalizando-as, buscando alternativa de resistência a qualquer situação de violência; resgatar e reconstruir a identidade de cada

7

peessoa, considerando-a como criadora de cultura; possibilitar que a prática pedagógica seja permanentemente refletida através da pesquisa; proporcionar os espaços e tempos necessários para a criação alicerçada na imaginação, na percepção, no pensamento relacional, no fazer, na construção de conceitos, nas antíteses de conhecimento, forjadas cultural e historicamente, contribuindo assim, na formação de homens e mulheres sensíveis, reflexivos, críticos, sonhadores, realizadores, criadores, autores e/ou co-autores.

A Equipe Diretiva, Pedagógica e Cultural tem a função de coordenar e articular, nos diferentes segmentos, juntamente com o Conselho, o Processo Político Pedagógico Cultural e Administrativo do Centro. A Coordenação Cultural media e articula os eventos culturais do Centro com os eventos culturais da Rede Municipal de Ensino e da cidade em consonância com o Projeto Político Pedagógico Cultural e Administrativo.

O currículo deste Centro tem um enfoque relacional e contempla a educação ao longo da vida, a qual combina conhecimentos da educação escolar de jovens e adultos e conhecimentos de educação permanente; com esse intuito os alunos com deficiência visual participaram da oficina “Conhecendo Porto Alegre através dos sentidos”, no Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo, ampliando, através de experiências sensoriais, o entendimento da história da Cidade.

## **Conhecendo Porto Alegre através dos sentidos**

A oficina “Conhecendo Porto Alegre através dos sentidos” tem por objetivo central ampliar e qualificar a inclusão de pessoas com deficiência ao público visitante do Museu. A atividade se desenvolve no Solar Lopo Gonçalves, sede do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo.

Já no portão, os participantes são recepcionados por um funcionário que os conduz até o módulo I da exposição “O Solar que virou Museu - memórias e histórias”, a qual conta a história desse lugar e homenageia intelectuais gaúchos que lutaram por sua preservação. A exposição também destaca a figura de Joaquim Felizardo, que dá nome ao

8

Museu. Nesta sala, realiza-se a abertura da oficina, desejando boas vindas e explicando como será desenvolvida a atividade, mediada por três funcionários. Os audioguias, contendo a leitura dos textos e a descrição do Solar, de fotografias, reportagens da época, linhas de tempo e objetos arqueológicos do acervo, são entregues a cada participante, o qual é orientado a ouvir o áudio iniciando em frente ao balcão de informações e, posteriormente, seguindo as orientações do audiodescritor. Após, também é oferecido o catálogo em Braille, o qual complementa a exposição.

No segundo momento, os alunos da EJA são convidados a conhecer a exposição “Transformações Urbanas – Porto Alegre de Montaury a Loureiro”, que corresponde ao período de 1897 a 1943, sendo guiados pelos monitores que descrevem as fotos e explicam os painéis que compõem o módulo II. Nesta sala, o participante tem a oportunidade de tocar um boneco (de tamanho próximo ao natural, confeccionado em meia de nylon) que representa o “Chefe dos Acendedores de Lâmpioes”, Sr. José Lopes Andrino, e os monitores comentam sobre essa atividade e o período em que era desenvolvida. Ainda nesta sala os alunos tocaram a parede externa (da construção original do Solar) para que percebessem sua espessura; neste momento um aluno também se abaixou para “sentir” de que material é o piso do Solar, chamando a atenção de todos os participantes.

Em seguida, foram apresentados, em uma vitrina, objetos femininos e pessoais da vida privada dos porto-alegrenses mais abastados.

Na próxima sala, onde estão expostos objetos, é possível tocar rádios da década de 1940, cristaleira e mesa dos intendentes de Porto Alegre. Também foram tocadas as paredes internas do Museu, feitas de estuque (madeira, barro e folhas de palmeiras), e as paredes externas, feitas de tijolos, cimento e madeira. Conheceram a história da enchente de 1941 e a importância das transmissões realizadas pela Rádio Farroupilha nesse período.

Posteriormente, os alunos foram convidados a conhecer a sala onde fica a escada de acesso ao torreão e o auditório da instituição, com espaço para 40 pessoas, onde são realizados alguns eventos culturais. Cruzando a sala do auditório, todos desceram por uma escada lateral que dá acesso ao pátio interno.

9

No Espaço Senzala, os alunos da EJA tocaram a meia-maquete da fachada do Museu, percebendo as seis janelas e as rosáceas, as três janelas olho-de-boi, o telhado e a escada lateral, que leva até à porta principal do Museu. Também reconheceram a maquete do Solar Lopo Gonçalves e, em seguida, reconheceram os espaços, anteriormente visitados, através da maquete representativa da planta baixa do edifício que está sinalizada com etiquetas em Braille, explorando também a maquete da Magnólia, a árvore centenária que adorna a frente do Solar.

Na última etapa da oficina, os alunos foram convidados a sentar em torno das mesas para tocar e identificar réplicas e objetos históricos e arqueológicos originais: cachimbo, chave do solar, cortador manual de Bolacha Maria, escarradeira, máquina fotográfica e mata-borrão. Após a identificação dos objetos, realizou-se uma leitura descritiva das características físicas e históricas dos mesmos. Esta descrição também está disponível em Braille.

No encerramento da oficina, os alunos com deficiência visual avaliaram a atividade e os recursos acessíveis utilizados. Uma das alunas comentou que a visita foi muito emocionante, pois era a primeira vez que vinha a um museu e que não lia em Braille, mas que tocando os objetos (cachimbo, máquina fotográfica) conseguiu identificá-los. Outro aluno disse que gostou e que era favorável ao audioguia e à audiodescrição. Também outro aluno destacou a importância de aprender sobre o passado.

Apresento, a seguir, a ficha de avaliação que foi utilizada com os alunos da EJA do CMET Paulo Freire.

**ibram**  
instituto brasileiro de museus



SECRETARIA MUNICIPAL DA CULTURA

Coordenação da Memória Cultural

10

## Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo

### **Avaliação da Oficina “Conhecendo Porto Alegre através dos sentidos”**

1) Você já visitou algum museu? Já conhecia o Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo?

---

2) Você já visitou alguma instituição museológica utilizando recursos acessíveis importantes para a interação da pessoa com deficiência visual? Exemplifique.

---

3) Qual a sua opinião em relação à oficina “Conhecendo Porto Alegre através dos sentidos”?

---

4) Em que contribuíram os recursos utilizados na visita durante a oficina? (Audioguia, maquete, objetos disponíveis ao toque e material em Braille).

---

5) Sugestões:

---

Em 2012, a partir do mês de agosto, foram realizadas seis edições da oficina “Conhecendo Porto Alegre através dos sentidos”, com um total de 40 participantes com deficiência auditiva e visual, e de baixa visão.

Essa oficina faz parte do Projeto “Oficinas Lúdicas e Sensoriais no Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo”, premiado pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), na categoria de Microprojetos.

### **Considerações finais**

11

Conforme se pôde observar no decorrer desta atividade, o Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo é considerado adaptado em relação à acessibilidade. Com a realização da oficina “Conhecendo Porto Alegre através dos sentidos”, com os alunos da EJA do CMET Paulo Freire, o MJF amplia e qualifica o acesso de pessoas com deficiência de forma a torná-lo referência em acessibilidade no Rio Grande do Sul.

Para o desenvolvimento desta oficina foram de fundamental importância os trabalhos já desenvolvidos por Amanda Tojal e Viviane Sarraf e as experiências das visitas técnicas ao Museu de Arte Moderna (MAM) e à Pinacoteca do Estado de São Paulo.

Destaca-se ainda, no MJF, o trabalho de uma funcionária, técnica em cultura, comprometida com o tema da acessibilidade em museus, que participa da maior parte dos encontros sobre acessibilidade, assim como a presença de uma direção sensível à necessidade de incluir o público com deficiência no Museu. O direito de acessar o Museu será garantido pela criação de políticas públicas e institucionais que possibilitem o uso dos equipamentos culturais sem barreiras físicas, sensoriais, cognitivas ou atitudinais. A acessibilidade em museus deixa de ser apenas uma meta e torna-se uma realidade naquelas instituições com responsabilidade social e comprometimento com a construção de um Museu para todos, que inclua as pessoas com deficiência e mobilidade reduzida.

A importância desta atividade é mostrada através da avaliação realizada em conjunto com os 40 participantes, a qual demonstra a oportunidade única de vivenciar a aprendizagem sobre a história de Porto Alegre, através dos sentidos.

A acessibilidade museológica é um processo nunca acabado. E sendo este Museu um espaço em constante transformação, todos os serviços prestados são passíveis de melhoramento, com vistas a uma maior adequação às necessidades dos seus visitantes. Da mesma forma como o Museu Joaquim Felizardo constrói-se e renova-se através da ação das pessoas que a ele oferecem os testemunhos da sua história e cultura, cada nova solução de acessibilidade e inclusão está sendo ensaiada, testada e avaliada pelos seus utilizadores.

Nenhuma solução é tida como perfeita ou completa, nem adequada a todos. Como ser vivo que é, o MJF continuará a crescer e a acrescentar novas soluções de comunicação

12

àquelas que já existem. Procurará eliminar as barreiras à medida que for tomando consciência da sua existência, será criativo na busca de soluções e alternativas e será persistente na insatisfação permanente de quem sabe que está tudo por fazer.

Podemos afirmar que os museus no Brasil vivem um novo tempo, de investimentos e de visibilidade, o que nos motiva a sonhar com um futuro promissor, em que o acesso inclusivo não seja mais um programa especial e, sim, parte constituinte da missão destas instituições.

## Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 9050 – **Norma Brasileira de Acessibilidade**. 2004. Disponível em: <<http://www.acessibilidade.org.br>> Acesso em: 20 de setembro de 2011.

BRASIL. **Estatuto de Museus do Instituto Brasileiro de Museus**. Art.35. Brasil, 2009. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm)> Acesso em: 20 de setembro 2011.

CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DOS TRABALHADORES PAULO FREIRE. **Regimento do Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores Paulo Freire**. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Secretaria Municipal de Educação, 2010.

FRIDMAN, Sonia; MARTINS, Nestor Torelly. **Caderno de Restauro I. Solar Lopo Gonçalves**. Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 1987.

GELMINI, Ana Carolina; TOCCHETTO, Fernanda; ZUBARAN, Maria Angélica. **O Solar que virou museu: memórias e histórias**. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2010**. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/resultados>> Acesso em: 05 de maio de 2012.

POSSAMAI, Zita Rosane. **Nos bastidores do museu: patrimônio e passado da cidade de Porto Alegre**. Porto Alegre. EST Edições, 2001.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

13

SARRAF, Viviane Panelli. **Reabilitação do Museu:** políticas de inclusão cultural por meio da acessibilidade. 181 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

TOJAL, Amanda Fonseca e outros. **Caderno de Acessibilidade: Reflexões e Experiências em Museus e Exposições.** São Paulo: Expomus, 2010.